



PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS
AUTORIZADO A CIRCULAR EM INVÓLUCRO FECHADO DE PLÁSTICO OU PAPEL
PODE ABRIR-SE PARA VERIFICAÇÃO POSTAL



Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

7 de Janeiro de 2006 • Ano LXII • N.º 1613
Preço: € 0,30 (IVA incluído)
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Acílio • Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560-373 Paço de Sousa • Tel. 255752285
Fax 255753799 - Email: obradarua@iol.pt — Cont. 500788898 — Reg. D.G.C.S. 100398 — Depósito Legal 1239

Tribuna de Coimbra

O nascimento da Casa do Gaiato de Miranda do Corvo

ERA 1940, 7 de Janeiro, nascia a Casa do Gaiato de Miranda do Corvo. Três pequeninos foram os primeiros habitantes desta que foi a primeira Casa

do Gaiato do País. Vinham do abandono, das ruas de Coimbra: «Foi no beco do Moreno...» escreveu Padre Américo. Aquele encontro traçou o seu destino sacerdotal e rasgou no seu horizonte uma entrega sem reservas aos mais pobres da nossa sociedade. Enviado aos excluídos pela voz do seu Bispo, tornou-se para a própria Igreja uma referência evangélica.

Já lá vão mais de seis décadas e meia a cumprir a nobre missão de educar e amparar a criança debilitada e exposta ou sem família capaz. Obra

reconhecida logo desde o início pela originalidade do seu método. Uma Palavra nova em matéria social na educação das classes mais desfavorecidas. O Rapaz, no centro do método, sujeito principal do acto educativo. Uma Obra dele, por ele, para ele. Sistema inovador que tem produzido os seus frutos até aos nossos dias. Qualquer tentativa de renovação ou de adequação a novas regras e tempos que ignore esta modelagem original seria descaracterizante e demolidora. Foi a confiança nas reais capacidades do Rapaz, como sujeito bastante capaz, que afastou o Padre Américo da componente técnica, como decisiva, para o êxito educativo.

A continuidade há-de ser fruto da confiança em Deus, Autor principal de tudo aquilo que ao homem acontece de bom. Não tivesse esta Obra nascido sob o nome

Continua na página 3

Malanje

Carta a um Amigo

FIZ 80 anos! Uma certa angústia se apoderou de mim. Diante do Senhor abri as minhas mãos: vazias! Uma sensação de pasmo. Nunca pensei... Agora vejo claramente.

Não resta nada! Somente, o mergulho na Misericórdia do Senhor. Fisicamente, meus passos vacilantes que mal suportam o peso...

Não haverá em todo o Portugal um Sacerdote que queira deixar tudo e a si mesmo e venha mergulhar?

Há corais nas rochas e o mar está cheio de belezas!

Tu sabes que falo para Ti... Sobe às nossas montanhas e no silêncio de tudo escuta a Sua voz. Espero.

Meditando

POBRES são os corações sem Deus... Vazios e sem um sentido de vida.

Não há um nascer do Sol, um poente rubro, nem o estalido duma onda gigante a bater nas rochas.

Porquê tantos deixaram Deus nesta Europa de Catedrais? Será responsável a onda de pornografia que invadiu as praças, mercados e chegou às mesinhas de cabeceira dos nossos filhos? Serão as nossas corridas diárias? Uns, pelo pão dos filhos; outros, pelos prazeres loucamente procurados; muitos, pelo «ter» — ter mais e mais; tantos, pelas ilusões que como fumo se desvanecem...

Vi e li numa revista os pensamentos do chefe duma mesquita: «Todas as manhãs contemplo a Deus o nascer do dia, encho-me daquela beleza e faço uma promessa a Deus para cumprir naquele dia. Quando chega o pôr-do-sol volto a contemplar aquela maravilhosa despedida do Sol e agradeço a Deus a realização da promessa ou peço-Lhe perdão por a não ter realizado. A contemplação destas maravilhas ajuda-me a encontrar e descobrir o Deus verdadeiro.

Continua na página 4

Calvário

Prenda

ESTÃO velhos. Tenho pena que eles tivessem envelhecido tanto!

Ainda me lembro, era Natal. De manhã cedo um rapaz dos nossos bate de mansinho à porta do meu quarto.

— Tome lá esta caixa.

Abro-a. Eram eles os meus sapatos. A prenda do meu Natal naquele ano. Abriram-se com gosto para me receber os pés. Têm-no feito tantas vezes. E sempre prontos!

O que eu não os tenho feito andar! Têm ido comigo a casas de pobres, a moradias de ricos. E têm palmilhado ruelas, avenidas, aldeias e cidades. Têm percorrido os cantos todos da quinta de Beire e de tantas quintas e quinteiros. Tenho-os molhado, empoeirado, rompido.

Agora estão velhos. Não queria dizê-lo — que eles não o merecem — mas já tenho vergonha de os mostrar em público.

Somos ingratos tantas vezes! Passamos a vida a ser ingratos com quem nos serve. Não devia ser assim, mas é. E como havemos de fazer para o não ser? Pobres inocentes que não falam. Há tanta forma de injustiça!

Padre Baptista

Ano Novo

NOS últimos dias do ano velho e antes do novo, retirei-me com os rapazes da Casa do Gaiato de Lisboa, para a nossa estância de férias, em Sintra, a fim de, ali, nos recolhermos em silêncio, escuta e reflexão pessoal e colectiva.

O local é magnífico! Silencioso. Longe de barulho humano e automobilístico. Rodeado de mata verde carregado e flores de todos os matizes, mesmo no Inverno.

A casa, com alguns 150 anos, decorada a azulejos antigos e belos, é marcada, em muitos recantos e nichos, por esculturas de homens fortes nas obras e na fé; linguagem apelativa ao espírito de dignidade e elevação, acessíveis à gente nova.

Pareceu-me ser a melhor forma de nos reconciliarmos connosco, com aquelas acções que ao longo de todo o ano, por fraqueza ou por maldade, cometemos; para nos precavermos no futuro, nos arrependermos e projectarmos em directrices nascidas da nossa consciência esclarecida e renovada à luz da palavra de Deus.

É a melhor maneira de nos lançarmos no

Ano Novo!... Com força interior galvanizante de um grande ideal!...

Pomos de lado as formas estafadas e gastas de desejar um próspero Ano Novo a ninguém, pois sabemos que uma boa parte da prosperidade dos anos nasce no coração de cada um e da determinação posta nas tarefas que decidimos ou nos são obrigadas pelas circunstâncias, pelas pessoas que nos guiam ou ainda por aquelas a quem servimos.

Um ano de serviço desejamos a cada mulher e a cada homem! E pedimos ao Senhor a graça de um bom ano de serviço, quanto mais escondido e determinado melhor, mais frutuoso para quem o realiza, para quem o aproveita e aos olhos de Deus!

Não estamos somente com o poeta: «pelo sonho é que vamos». A nossa orientação, embora inspirada no sonho, consolida-se, acima de tudo e em primeiro lugar, na Fé. Pela Fé é que vamos.

O ano de 2006 perfaz, em medidas terrenas, meio século de Vida Eterna na comunhão plena com Deus de Pai Américo!

É uma efeméride que nos chama também a viver em esforço de perfeição contínuo o nosso serviço e a escondermo-nos cada vez mais na sombra d'Ele.

Servir, servir, sem esperarmos outra recompensa (como diz a oração de escuta) se não sabermos que realizamos a Sua Vontade Santa.

Dada a idade e o natural desgaste de boa parte dos padres de rua é natural, neste quinquentenário, renovarmos afincadamente a nossa entrega, de olhos fixos n'Aquele que nos chama a este trabalho apostólico o qual é também o mais eficaz e mais apologético da Sua presença: — os pobres são evangelizados!

Um apelo veemente brota do fundo do meu ser ao Senhor e à sua Igreja: não diminuas Senhor, nem a intensidade nem a amplitude da Obra que inspiraste ao Padre Américo a quem tão bem assististe até ao fim. Não manifesteis Senhor a Vossa presença somente pelo apoio afectivo e material do teu povo, tão deslumbrante e animador, mas... suscitai vocações. Criai uma inquietação arrasante nos padres e nos leigos jovens que não os largue até que se decidam a viver na pobreza pobre e no serviço real, duro e permanente dos rapazes sem família e de todos aqueles que caíram ou se perderam, arrastados na marginalidade.

Continua na página 3

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

AINDA O CANCEROSO — O caso publicado na anterior edição, volta de novo, por ser necessário dizer algo mais.

É daqueles Pobres que têm vergonha da miséria que sofre.

Agora, diz que paga 175 euros mensais de sua casa, propriedade de um indivíduo ao qual já deve quatro meses — setecentos euros!

No entanto, soubemos, por ele próprio, que a habitação pertence a uma pessoa que, por saber a difícil situação do doente, não seria moralmente capaz de pôr essa família na rua, até porque o pobre homem apenas recebe 350 euros mensais da Previdência.

Um dos nossos vicentinos abordou já o dono do prédio que nos disse, também, o que aí vai.

Nós temos realmente de saber concretamente tudo de todos...!

Materialmente, neste caso, valores que ultrapassam as nossas finanças.

Acreditamos que os nossos Leitores serão capazes de aliviar o necessário para esta miséria...!

PARTILHA — Assinante 58051, do Porto: «Por motivo duma prolongada doença, não posso dispor de maior oferta; uma nota de 10 euros. Como estamos na época de Natal, quero desejar para todos as graças de Deus e muita Força com muita Paz».

Assinante 21042, de Quintiães, 150 euros. «Que a vossa Obra continue a ser uma luz neste nosso País, onde as trevas ameaçam crescer». Por fim, um abraço a «este Professor» que muito nos ajudou na Escola Comercial Mouzinho da Silveira, do Porto, na década de quarenta.

Agora, vem lá um cheque de 100 euros, do assinante 4395, de Vila Nova de Famalicão, com amigas saudações, que retribuimos com amizade.

De Coimbra, generoso donativo da assinante 76158.

Monte Estoril, assinante 43689: «Cinquenta euros para o que entenderem, pensando nas almas que me são mais queridas».

Mais um donativo, do assinante 47789, de Valbom — Gondomar.

Assinante 52427, de Lisboa: «São os desejos desta velha amiga que não vai passar mais tempo sem enviar 250 euros, pequena oferta dada com o coração, juntamente com a minha filha, que me pediu para o fazer. É muito pouco para o que desejava».

Assinante 27044, de Alcábaldeche: «Hoje, Dia da Imaculada Conceição, forço-me a fazer alguma coisa de útil. Assim, tento pôr em dia o meu correio de Natal, cheque que se destina para o que entenderem estarem mais aflitos — 50 euros».

Assinante 8047, de Lisboa: «Envio 20 euros para aliviar um bocadinho a

conta da farmácia, que é sempre grande. Infelizmente, há muitos doentes sem possibilidade de comprar os medicamentos!»

De Ramilos — Macieira de Cambra: «Cem euros, da assinante 43431, pequena oferta para os Pobres, na minha qualidade de Vicentina».

Vinte e cinco euros, do assinante 64183, de Custóias. O dobro, do nosso Licínio que está em Paris. Deus te ajude e aos teus, também. Vinte euros, do assinante 73128, de Coimbra. Um remanescente do assinante 19014, de Montemor-o-Velho.

«Para a conta da farmácia», 25 euros do assinante 74299, da Covilhã.

Um contributo de Novembro e Dezembro de uma senhora de Carregosa (Oliveira de Azeméis).

Mais, a assinante 20594, do Porto, «com um pequeno donativo de 80 euros». Ainda do Porto, um remanescente de contas para O GAIATO, presença amiga do assinante 26220. De Coimbra, 20 euros da assinante 73128. «Pequena migalha» do assinante 19014, de Montemor-o-Velho.

Votos de Santo Ano Novo para todos os nossos Amigos.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

O nosso endereço: Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.

Júlio Mendes

Paço de Sousa

FESTAS FELIZES — O nosso Natal não é igual ao dos outros; também não é pior nem mais triste. Talvez seja até um Natal mais verdadeiro.

A Felicidade abunda nas caras, nos corações e nas atitudes, às vezes com excessos, mas existe e está ali, visível e palpável. Também se recebem presentes, mas acima de tudo beija-se o Menino Jesus que na maioria das vezes é um pequeno dos nossos.

Sem pompa e circunstância, os manjares são os tradicionais, num refeitório modestamente embelezado, onde a alegria e os cantares imperam... E de que maneira!

Sem dúvida, esta é uma família feliz, e por muita falta que a família biológica possa fazer-se sentir em alguns, creio que esta a substitui com grande destreza.

Boas Festas!

«Almeidinha»

DESPORTO — Os nossos Infantis deslocaram-se a Gaia, mais propriamente dito, a Vilar do Pinheiro, jogar com a Associação Desportiva de S. João da Serra. Um jogo sem grande história, a não ser a goleada que os nossos miúdos impuseram ao «adversário». Em cada golo que concretizavam, era uma festa! António Pedro na baliza, foi um verdadeiro herói; Ronaldo, a grande revelação, já que é novo na Casa; Filipe, o grande estratega da equipa; Octávio, um poço de força e grande lutador; «Pinheirinho», o homem do pontapé «canhão».

No final do encontro, o placard marcava um resultado estimulante: S. João da Serra, 3 — Casa do Gaiato, 9.

Depois, foi-lhes oferecida uma merenda, pela Direcção do clube local,



Casal amigo, levantou de helicóptero, no nosso campo de futebol, depois do casamento, na Igreja Paroquial.

com toda a simpatia a que já estamos habituados, onde quer que vamos.

Os mesmos Infantis, quatro dias depois, receberam o F. C. Cerco do Porto, onde jogam o Lipe e o Pedro, que já foram nossos, e como não podia deixar de ser, foi dia de festa.

Mesmo em dia de chuva intensa, os rapazes do F. C. Cerco do Porto não arriaram caminho, e tal como estava prometido, deslocaram-se a nossa Casa, para mais um convívio. E que convívio!

Nem a chuva nem o resultado deixou marcas, já que, logo após o jogo se juntaram todos no refeitório para uma merenda, muito bem preparada pela Preciosa, que quis fazer um bonito aos seus antigos meninos: Pedro e Lipe. Já aqui o dissemos, e nunca é demais repeti-lo: gostamos de jogar futebol em ambiente de confraternização.

Resultado final: Casa do Gaiato, 2 — F. C. Cerco do Porto, 1.

Pois é! Agora é que são elas. Eu que tenho a «mania» de dizer quem foi o melhor e o pior, desta vez, os nossos Seniores, não deram hipótese. Com duas equipas a jogarem futebol de qualidade; e com os nossos Rapazes todos unidos, calaram-me.

Um jogo disputado taco-a-taco do primeiro ao último minuto. Alguns dos nossos Rapazes estão a progredir de jogo para jogo. O que é recompensador! Com golos de «Bolinhas» (2); «Russo» (1) e outro do Ilídio, ditaram o resultado final, apesar do «adversário» também ter concretizado dois golos. Os Juniores do Argoncilhe sabiam o que queriam e o que fazer, mas os nossos Rapazes não são «pecos», como eu ouvi dizer a um dos deles. Assim, sim!

Lá mais para diante, contamos retribuir a visita que, com certeza, também será uma tarde de futebol/convívio, como sempre acontece, com quem quer que nos encontremos.

Alberto («Resende»)

Setúbal

MACIEIRAS — Transplantámos as árvores do pomar dos galinheiros para outros terrenos mais férteis, porque lá não se desenvolviam bem. O «Lota» e o «Monchique» andaram a abrir os buracos. O David «Troço»

andou a carregar o esterco, e o «Zézinho» e o «Testinhas» a plantá-las.

FESTAS — Em 28 de Dezembro, fomos ao Auditório de Nossa Senhora da Anunciada, realizar o nosso espectáculo de Natal, para os idosos do Lar. Fizemos uma encenação, um auto de Natal, poemas e canções interpretadas pelo nosso coro dirigido pelo senhor Professor José Manuel. As pessoas gostaram do espectáculo. O próximo passo será as Festas grandes.

FRIGIDEIRA — Uma pessoa, nossa Amiga, ofereceu uma frigideira basculante industrial, que servirá para confeccionar os alimentos do dia-a-dia. Substituirá os tachos que utilizamos. Será mais prático o trabalho dos cozinheiros e dos copeiros.

FUTEBOL — O Torneio Inter-Casas está prestes a começar. Até lá, como é habitual, teremos os nossos treinos. Desejamos que alguém venha jogar connosco. Até ao momento ainda não apareceu ninguém.

António Loureiro

Miranda do Corvo

NATAL — Nesta época natalícia, em que os sorrisos são mais frequentes, procura-se num rosto triste o contentamento do nascimento do nosso Salvador, Jesus Cristo Senhor, e no brilho dos olhos há uma luz que nos diz: «não creio, mas há nesta época algo que nos faz sentir melhor...» O espírito natalício faz-nos sorrir mais á-vontade e a nossa má disposição contagia todos os que nos rodeiam, e um simples obrigado com sorriso no rosto faz as delícias a tantos que procuram o verdadeiro sentido do Natal.

Não irei contar como foi o nosso Natal em pormenor, pois cada qual vive o Natal de maneira diferente e há sentimentos que a caneta não sabe escrever, um beijo no Menino Jesus e tudo muda, sente-se no rosto de Alguém a paz interior de cada um.

E para que este Natal não se perca, «sorri», sorri sempre, mesmo que o teu sorriso seja triste; pois mais triste que um sorriso assim é a tristeza de não saber sorrir. Um agradecimento a todos por este Natal.

CONVÍVIO FRATERNAL — Quatro dos nossos rapazes participaram num convívio fraterno em Proença.

Aprenderam a procurar o lado bom das coisas menos boas; entre muitas, testemunhos que fizeram subir as lágrimas aos olhos; sorrisos que nos regalavam o coração, a alegria que nos fizera sentir, a paz interior existente em cada um de nós, é algo também muito importante; as novas amizades que serão para toda a vida, e que este seja um completo convívio entre todos nós que formamos a Igreja.

Foi tudo tão inexplicável que se reduziria a uma só palavra: Amor! E desculpem se estou a ser demasiado poético, mas o que é a nossa vida para além dum romance? Somos amados de tal forma pelo Criador que, às vezes, não acreditamos na Sua Omnipotência, somos cada um dos pontos que Deus observa, ajuda e ama inexplicavelmente, que aos olhos dos homens não é possível, é um mistério que nos orienta na vida e nos faz crer que há um lugar bem melhor através dos Céus.

OFERTAS — São inúmeras as pessoas particulares e em grupo que fazem chegar a nossa Casa imensas coisas boas, desde o bacalhau a um simples postal de Boas Festas.

Não poderei destacar pessoalmente cada pessoa, pois o espaço não me chegaria, mas é com agrado que agradeço a todos os que fazem ofertas, pois é daí que saem as prendas para os nossos rapazes.

A todos agradeço e desejo um Bom Ano Novo repleto de alegria e saúde.

Adriano

Associação de Antigos Gaiatos e Familiares do Centro

Não queremos deixar passar mais uma época natalícia e de princípio de ano, sem enviarmos a todos os nossos colegas e suas famílias, bem como a todas as comunidades de O GAIATO e suas colaboradoras e Associações de antigos gaiatos e aos muitos amigos da Obra da Rua, os nossos votos de Boas Festas e um melhor 2006.

Manuel dos Santos Machado

Tipagem média
d'O GAIATO, por edição,
no mês de Dezembro,
55.200 exemplares

Cantinho dos Rapazes

«Coração oposto ao mundo,
Como a família é verdade!
Meu pensamento é profundo,
Estou só e sonho saudade.»
Fernando Pessoa

O Natal que situa no tempo o poema de que extraio esta quadra, também foi para mim, este ano, ocasião de pensamento profundo por diversas motivações entre as quais mensagens recebidas de rapazes de várias gerações, alguns dispersos por vários Continentes.

Neste mundo em que a instituição familiar sofre agressões mais intensas e mais extensas do que em outras épocas, quase sempre em consequência dos sentidos postos adiante da razão, tenho razões para concluir que ainda há «corações opostos ao mundo» a confirmar a exclamação do Poeta: «Como a família é verdade!» Claro!, a família que se esforça por sê-lo, enraizada no amor expresso em doação recíproca entre os seus membros, amor estabelecido em circulação de vida.

Esta mensagem que vou passar-vos não é deste Natal, mas é sempre oportuna e há muito a devo a vocês como vereis pelos parágrafos que o autor dela vos dirige. Ele é um rapaz de cinquenta anos, no topo da sua carreira profissional aonde subiu a pulso, por mérito próprio; mas que sabe por experiência que «a glória profissional raramente é alcançada sem espinhos; é quase sempre uma prenda envenenada». Pois é ele que numa longa e belíssima carta «a dar contas do meu rosário como noutros tempos»; e a repartir comigo «o contentamento» que sua filha lhe dá «pela audácia dela de viver plenamente a expensas próprias, sem parasitismos» — é ele que manifesta o desejo de «escrever esta nota aos actuais gaiatos de Paço de Sousa, para que conste».

A nota aí vai, tal qual:

«Todos os anos, pelo Verão, invariavelmente, o cronista de Paço de Sousa na rubrica Pelas Casas do Gaiato fala da piscina. E, invariavelmente também,



Ele, em Pequim

refere-se a ela como 'um dos cantos mais belos da nossa Aldeia'. Aquela piscina foi construída há 32 anos e, por isso mesmo, as gerações recentes de gaiatos que por ali passaram não poderão saber, pela latitude do tempo, que aquele canto era então 'o canto mais feio da nossa Aldeia'.

Saberão eles que aquele era o canto onde se depositavam todos os detritos da Aldeia, desde o lixo da sapataria até ao lixo da cozinha, passando pelo das camaratas até ao lixo das obras, isto é, que aquele canto foi a lixeira da nossa Aldeia até 1972 altura em que começámos com o trabalho de transformação? Se calhar não, não sabem. Mais importante do que isso, será o saber que a metamorfose ambiental daquele canto não foi uma borla, que aquele canto de que hoje dispoem e muito bem gozam, nasceu de um pedido que, na altura, o Padre Carlos considerou de mordomia reivindicativa, e era! Perante tal pedido, quase provocatório, o Padre Carlos, nas vésperas de uma viagem a África para dar descanso aos Padres então ali,

lançou-nos um desafio que, estou quase certo, ele pensava cair em saco roto:

— Façam-na vocês!
— Mas onde, qual o canto que nos cede?
— Na lixeira! E mais, só o podem fazer nas vossas horas livres sem ajuda dos pedreiros!
— Está a falar a sério?
— Home'essa! Claro! Sempre vos quero ver de padiola... seus intelectuais de trazer por casa!

O desafio foi lançado e... aceite, tendo sido testemunha o Padre Abraão. Quando o Padre Carlos regressou de África, o lixo tinha sido queimado ou removido para a estrumeira das vacas e o buraco estava aberto cujo entulho era transportado por padiolas através de uma rampa que depois deu na inclinação que a piscina tem. Foi um dos momentos de maior solidariedade comunitária a que jamais assisti! Todos, desde os 'Batatinhas' até aos mais velhos, quase ninguém se recusou a participar, de uma forma ou de outra, nos trabalhos de transformação que deram origem 'ao canto mais belo da nossa Aldeia'. Todos os minutos de todos os recreios foram ali dispendidos tendo até, imaginem, cessado as actividades futebolísticas!

O Padre Carlos ficou regozijado pelo que viu e orgulhoso dos 'seus' rapazes. Perante a nossa tenacidade de 'antes quebrar que torcer', mas também consciente da nossa falta de habilidade profissional para levar a obra até ao fim, decidiu tomar em mãos a responsabilidade da continuação da obra que seria inaugurada no Verão seguinte, tinha então, se a memória não me falha, 18 anos de idade.

Pessoalmente, fico sempre muito contente quando leio o cronista referir-se àquele 'como o canto mais belo da nossa Aldeia' e espero que assim seja por muitos anos! Valeu a pena o esforço e, reforce-se que o desafio de contar com as suas próprias forças quase sempre compensa.»

Padre Carlos

O nascimento da Casa do Gaiato de Miranda do Corvo

Continuação da página 1

Santíssimo de Nosso Senhor Jesus Cristo... «que passou pelo mundo fazendo o Bem...» A continuidade há-de ser fruto da nossa docilidade ao Espírito Santo, «Agente» principal de toda a renovação. «Nós somos da Igreja, dos Bispos», expressão muito sentida e querida do Padre Américo. Este «nós» referido aos Padres, aos Rapazes, às Senhoras e outros Voluntários.

Neste aniversário, em época tão «bafejada» pelo calor humano e espiritual do Natal que entrou pela nossa Casa adentro, fazendo dela caminho conducente a Belém, nos estimule a prosseguir na esteira de Padre Américo, para quem, em matéria social, os Pobres são a única «senhoria».

Padre João

DOCTRINA



Os montes marcham
à frente dos arrojados.

UMA família fora ali aninhar-se abusivamente há uns cinco anos e não saía nem à mão de deus-padre. Confraria, autoridades, ameaças — nada! Que fez o meu colaborador? Uma coisa assombrosa. Pregou com uma acção de despejo na Comarca da Lousã e os «inquilinos» saíram! Ora aqui está. Depois disto, quem há que se atreva ainda a afirmar, como é costume ouvir-se, que a Obra acaba com o Padre Américo por falta de continuadores — quem?

TEMOS Colónias de Campo instaladas nas antigas hospedarias do Santuário. O sino derrubado já se fez ouvir nas redondezas, a chamar pelos fiéis. Vamos ressuscitar tradições. O Padre Adriano vai instalar um dínamo para dar de mão ao pretóleo. O Engenheiro da Junta Autónoma das Estradas foi respeitosamente e fervorosamente solicitado; e eu nem por sombras acredito que ele não mande concluir a meia dúzia de metros de estrada que vai de Pereira ao local. Os montes marcham à frente dos arrojados.

SEMINARISTAS-teólogos da Guarda e de Coimbra conduzem os garotos. São horas de apostolado. É a Santa Madre Igreja a endireitar canas torcidas e a soprar o morrão que ainda fumeja. Se nós não estamos nestes campos, por vontade e recta intenção, o mesmo é que deixá-los abertos aos falsos profetas. A criança, como as plantas, tem horas de se fazer. É agora. Seminarista-teólogo de todos os Seminários, oferece, desde já, o sangue das tuas veias por um Mundo Melhor. «Duc in altum.»

P. Américo 5!

(Do livro Doutrina, 1.º vol.)

Ano novo

Continuação da página 1

Confunde Senhor, mais uma vez, os carros e os cavalos dos senhores da técnica e das leis que tanto gostam de atravessar o mar das dificuldades, a cavalo dos seus cursos técnicos, dos seus canudos e, sobretudo, da sua instalação.

Torna Senhor mais evidente ainda que cada criança desamparada gosta muito de ter família e é capaz de a fazer, se tiver ao seu dispor pais e mães autênticos consigo, mesmo sem gerar pelo sexo, basta que os gerem no amor! Aquele Amor Vivo, apaixonado, que nunca desarma porque se radica em Ti.

Chegámos à nossa casa de Sintra, implantada no lindo Monte dos Ciprestes e encontrámo-la suja, desarrumada, sem graça.

Não foi preciso mandar. Os rapazes sentiram. Pegaram em vassouras, pás, baldes, esfregonas e detergentes e passada uma hora o ambiente tornara-se apetecível. Os pátios, que desde o Verão não eram varridos e se encontravam cobertos de caruma dos pinheiros e dos cedros e das folhas de outras árvores, tomaram um ar acolhedor e convidativo.

Tanta gente por aqui passou, a desfrutar deste esplendoroso ambiente!... Grupos de escuteiros. Organizações cristãs. Ninguém!... Só os rapazes se não sentiram bem com a sua casa assim. — Ela é deles! Eis o segredo.

Um ano bom para todos!

Um bom ano para os rapazes!

Um bom ano para a Obra da Rua!...

Padre Acilio

Moçambique

Passou a aflição dos contentores!

FOI um Natal de angústias e alegrias. A seca continua, mas Deus manifestou-Se em muitos gestos. Passou a aflição de ter os contentores no cais e não ter como pagar os impostos! O pedido feito à nossa Ministra da Tutela, recebido com muito agrado, logo foi remetido às Finanças. Dias depois, fomos surpreendidos pela chegada de um camião da Alfândega, com vários artigos dentro e ao indagarmos a razão, só nos disseram que tinham ordens do senhor Ministro para esperá-lo aqui. Sozinho com os rapazes e preocupado pela hora, temi que viessem almoçar. Mas o responsável pela viatura, embora eu pedisse, respondeu-me que não podia fazer essa pergunta.

Continuou o impasse até às três horas da tarde, quando finalmente o senhor Ministro apareceu, acompanhado pelo Director Geral das Alfândegas. Mal falou de problemas de impostos, que tinha ido resolver à fronteira, logo disse que tínhamos também um problema desses e expliquei o que se passava. Autorizou imediatamente o levantamento antecipado dos contentores e aguardaríamos o deferimento da isenção.

E nós ansiosos por tanta coisa que vinha dentro de um deles, que já devia ter chegado no fim do ano passado e não veio por irregularidades, agora uma e depois outra, que a Inspeção pré-embarque apontava nas embalagens! Já tinha solicitado ao Director Geral das Alfândegas a suspensão da vistoria, sob pena de tudo ir por água abaixo, como quem diz, para o aterro sanitário. Quem nos doa roupa ou material escolar ou outras coisas, das muitas que vamos utilizando no dia-a-dia, nem faz ideia das voltas que temos de dar. O tempo que, aproveitado na Casa, é um bem de rendimento, gasto em esperas, desencontros, viagens perdidas é um desgaste inútil na nossa vida.

Depois, o senhor Ministro foi ditando para o Director Geral das Alfândegas o que havia de mandar para nós. Portanto, o que vinha no camião era apenas uma amostra. Assim, durante a semana, foram chegando

cinco mil quilos, cem caixas de sapatilhas, dez fardos de roupas, cem embalagens de óleo e seis sacos de feijão. O açúcar vai dar-nos para o abastecimento das Creches e da Casa para dois meses, que é quanto estávamos a comprar. As sapatilhas são mesmo sapatos, imitando marcas da moda, mas fabricados na China, deve ser uns dois mil pares. Nem houve como contar bem, porque as caixas vinham a desfazer-se. Cem embalagens de óleo, devem ser dois mil litros dele. Os fardos são de roupa nova, oriunda da África do Sul, trazem calças, calções, camisas e camisetas. Parte será para uniformes escolares dos nossos e ainda fica uma reserva. Como em nossas Casas tudo se transforma e nada se perde, tudo será aproveitado, e com um carinho especial, vindo do coração de quem veio e nesta Quadra de Natal.

Guardamos a confortável esperança de uma porta aberta para outras ajudas semelhantes, mesmo que em menos quantidade, caso continue a haver apreensões na fronteira, por ilegalidades na importação. Mas acima de tudo e mesmo que só uma vez tenha acontecido, marcou visivelmente o apreço por estes Rapazes e pelo nosso sistema de educação. Foi um consolo para nós e uma boa entrada auspiciosa para o tempo de Natal, que desde o início do Advento os Rapazes vinham preparando. Cada casa, o seu presépio. Os mais velhos, o refeitório. Cada casa os seus números de dança e canções. Os mais velhos até ópera quiseram experimentar, sem dúvida com boas vozes de barítonos. Também toda a Quadra do Advento ensaiaram os Cânticos Litúrgicos. Vi, consolado intimamente, todos eles empenhados, sem que nós adultos tivéssemos que fazer qualquer reparo ou sugestão. Na cozinha o mesmo. No Domingo, Dia de Natal, tivemos a Celebração de Acção de Graças, na nossa Capela, com a presença de alguns casais portugueses, aqui a trabalhar, que vieram repartir connosco.

Padre José Maria



Festa de Natal.

Benguela

Sublime encontro!

A Festa do Natal já aconteceu. Vivemo-la com as notas do encanto gravadas no rosto dos mais pequeninos do Centro Infantil. Foi ali que começou. Quem me dera estivesse lá para ver as maravilhas que o Amor faz.

No meio da pobreza extrema, brilha a luz libertadora do Natal. Verdadeiro sol de justiça que, com seus raios, trespassa teu coração e transforma-o em fonte de generosidade. Tua riqueza verdadeira está mais naquilo que tu dás e não no que acumulas para ti. Olha para a vida e vê onde mora a tua alegria e a tua paz. Liberta-te e faz a doação da tua vida e partilha teus bens para que tenhas mais e sejas também mais para os que esperam tudo de ti. É uma linguagem contraditória? Deixa! O Evangelho é assim. Experimenta!

Falo desta maneira, verdadeiramente comovido com o espectáculo que tenho diante dos meus olhos. Ao centro, a mesa comprida. Está recheada de pão de trigo; fatias de bolo e mais algumas guloseimas. Não te escandalizes. Nada se estragou. Tudo foi partilhado. À volta da mesa, algumas dezenas de crianças, de um, dois, três e quatro anos. Estamos no Infantário, onde palpitam os corações da Irmã Albina e Rosalina. Ao lado, está o Presépio que nos fala doutro Menino que também foi dum, dois, três e mais anos. No presépio está a imagem. Nos meninos do Infantário a realidade. Como é sublime este encontro!

Donde vieram estas crianças? Quase da rua. São Pobres. Extremamente pobres. Comem o pão com a alegria serena de quem tem o que precisa. Olham e voltam a olhar para o pão, como os teus filhos para algo que os encanta. Estão vestidos de novo. A beleza é tão grande que as mães ou os irmãos quase não os conhecem. Parecem outros.

Este foi um momento forte do nosso Natal. Foi preparado e vai continuar a ser vivido. Vem connosco! Quem dera estivesse aqui também a menina dos teus olhos.

Fui convidado e não resisti a participar na festa do encerramento do ano lectivo da alfabetização, num dos bairros próximos. Os animadores foram um grupo de jovens integrados na ONG — LEIGOS PARA O DESENVOLVIMENTO. A festa teve um sabor a Natal. A Encarnação do Filho de Deus leva necessariamente à libertação de tudo o que é desumano no homem e na mulher, quando há corações, cabeças, mãos e pernas à disposição do Filho Incarnado. Foi o que fizeram estes jovens e outros que os precederam. Senti e partilhei a alegria dalgumas dezenas de mulheres e mais novos, a subir o caminho da promoção humana.

Não faltou também o cabaz com a farinha de milho, óleo alimentar, arroz, farinha de trigo e feijão para as duas centenas de famílias que dependem directamente da nossa ajuda. A Firma Fonseca & Irmão, pelas mãos do Sr. Horácio, que sempre ajudou a Casa do Gaiato, desde o princípio, esteve presente com um cheque substancial, mesmo nas vésperas do Natal, para que nada faltasse a esta família de cerca de 140 filhos. Contamos sempre convosco, com a nossa gratidão!

Padre Manuel António

Malanje

Continuação da página 1

Sim, Ele encontra-se no meio dos Pobres, nas maravilhas da natureza, no meio da simplicidade... e aí encontramos o sentido da vida, porque encontramos Deus, esta é a sabedoria dos anciãos.»

Cristo silencioso na Sua cruz diz sim, e galvaniza os corações... Paremos para escutar o Seu silêncio.

Padre Telmo

Setúbal

Início do novo ano civil

O início de um novo ano civil surge normalmente como um alento, para uma tentativa de começar aquilo que ainda não está bem.

Neste cantinho da Europa que habitamos, há 50 anos, Pai Américo deu início a um novo tempo, a uma nova vida para os pequenos seres prostrados na rua, sem protecção nem esperança de algum dia virem a ser crianças.

Uma profunda convicção fundada na verdade da vida, impeliu Pai Américo a dar-lhes uma casa e uma família que não tinham, sem o que nunca poderiam constituir-se em futuros homens dignos inseridos na sociedade que também era a sua.

Uma esperança nova surgiu para eles, e um novo alento ganhou a

sociedade e a Igreja em Portugal com este Homem e este Padre que marcou toda a sociedade contemporânea a estes factos.

Hoje vemos a nossa sociedade, marcada como então por uma profunda falta de esperança, e as crianças da rua conduzidas por uma elite de profissionais desraizados da verdade da vida, agindo como cegos conduzindo outros cegos.

A vida e a sociedade têm, em si mesmas, uma verdade que não se pode negar nem destruir, sob pena de se criar, como já se vai vendo, uma desorientação e uma perda de sentido para ambas.

Se por um lado se tem assumido uma atitude generalizada de infidelidade às raízes da Nação, com a renúncia à Fé que nos constitui

como Povo, pelo outro procuram-se alianças com estrangeiros à maneira do povo judeu, que ansiava buscar a força e a protecção no vizinho povo egípcio.

Este nosso Povo, para ser fiel a si mesmo, tem de ser fiel Àquele que desde a sua génese foi seu protector e inspirador para novos feitos.

Apesar de tudo, ainda mantemos, ainda que de forma larvar, aquilo que nos constitui e nos distingue na nossa singularidade...

Em recente passagem pela Alemanha, e como exemplo, soube-mos que é de todo impossível que uma pessoa voluntária se possa dedicar a servir as crianças sem família integradas em instituições. Entre nós, e como nossa marca distintiva, própria da nossa indiosíncrasia, ainda é possível que pessoas desejosas de amar, por vezes chamadas de voluntários, possam dedicar pelo menos algum do seu tempo a servir as mesmas crianças que, no país referido, estão totalmente entregues à tecnocracia que dificilmente será capaz de amar.

Ora o que mais falta a estas crianças não serão os meios para satisfazerem as suas necessidades materiais, mas as afectivas e espirituais, que só lhes poderá ser dado por quem as ame.

Neste caminhar vertiginoso para a globalização, também no que diz respeito ao modo de os indivíduos se relacionarem, disponhamo-nos a ter como propósito, para este novo ano, mantermos o que é singular e próprio do nosso ser, com coerentes opções nas acções a realizar ao longo dele.

Padre Júlio

PENSAMENTO

Ai dos que procuram instalar-se na vida! Escondem os talentos. Traem o Mestre.

Disse-lhes mais, que puguem o amor do Próximo por este semelhante amor de Deus. Quem jamais viu Deus? Mas o Próximo, sim.

PAI AMÉRICO